

Sebastião da Gama em Voz Própria

Em finais de 1968, o portuense Jorge Ginja (1940-2020) e o escalabitano Mário Viegas (1948-1996) conheceram-se no Teatro Universitário do Porto. A ligação comum ao teatro e à poesia foi responsável por um gesto que se manteve guardado durante meio século. No ano seguinte, Ginja foi convocado para o serviço militar, com partida para Cabinda (Angola) no início de 1970 como oficial médico. Provavelmente, terá levado livros consigo, mas o que de certeza transportou foi quase meia centena de textos ditos pela voz de Mário Viegas, encadernados em bobine, além do respectivo aparelho leitor, claro.

Foi em 1969 que Jorge Ginja pediu ao amigo que gravasse esse conjunto - 47 poemas e 2 textos dramáticos - para os levar consigo para o cenário da guerra colonial. Em 2021, Catarina Ginja e Pedro Ginja decidiram partilhar essa memória, reunindo em livro os textos gravados e passando para cd os sons das fitas, num trabalho em que estiveram também envolvidas a livraria portuense In-Libris e a Direcção Regional de Cultura do Norte, editoras da obra, assim nascendo *Voz Própria - Jorge Ginja e Mário Viegas - Poesia, Resistência e Liberdade*.

Entre os poetas representados, consta Sebastião da Gama e o seu poema “Elegia para uma gaivota” (produzido em 10 de Novembro de 1948), que abre o cd com as gravações de poesia e o livro. Na lista dos outros poetas re-



presentados constam: Gastão Cruz, Guerra Junqueiro e José Gomes Ferreira (todos com um poema); António Gedeão, Armindo Rodrigues, Joaquim Namorado, Pablo Neruda e Vinicius de Moraes (dois poemas); Bertolt Brecht (quatro poemas); Ary dos Santos e Manuel Alegre (sete poemas); Alexandre O'Neill (quinze poemas). Os textos dramáticos devem-se a Máximo Gorki (excerto da peça “Pequenos Burgueses”) e a Anton Tchékhov (“Os malefícios do tabaco”).

A obra já existe no centro de documentação da Casa-Memória, tendo sido oferecida à Associação Cultural Sebastião da Gama por dois associados. No final deste número do *Boletim*, reproduz-se o facsimile do manuscrito deste poema, bem como curta referência editorial. #

José Carlos Barros de parabéns

José Carlos Barros (n. 1963, Boticas) está de parabéns, pois foi o vencedor do Prémio Leya 2021 com a obra *As Pessoas Invisíveis*. A decisão foi tomada pelo júri em 6 de Dezembro, que considerou esta obra “uma viagem por vários tempos da história recente de Portugal, desde a década de 40 do século XX” e destacou “o trabalho de linguagem, o domínio de uma oralidade telúrica a contrastar com a riqueza de vocabulário e de referências histórico-sociais” do romance galardoado.

O percurso de escritor de José Carlos Barros cruzou-se com o Prémio Nacional de Poesia Sebastião da Gama, que venceu em duas edições - em 1990, com a obra *Uma Abstracção Inútil* (Évora: Declives, 1991), e em 2009, com o título *Os sete epígonos de Tebas*. #



José Carlos Barros (foto: Público)

As memórias de Sebastião da Gama são fortes (relatos do primeiro mês na Casa-Memória)

Decorrido o primeiro mês de funcionamento da Casa-Memória, aquando da redacção deste texto, o balanço a fazer da experiência é positivo.

De uma forma geral, os utilizadores do espaço valorizam a obra aqui feita e consideram a visita enriquecedora. Podemos considerar que, quantitativamente, o número de visitantes ficou aquém das expectativas – seguramente fruto do contexto pandémico -, mas, em contrapartida, as visitas que recebemos foram para nós bastante satisfatórias, dadas as emoções que nos transmitiram. No entanto, consideramos que os habitantes locais mostram alguma falta de curiosidade em conhecer este espaço cultural, que tanto tem a ver com esta zona, dado que o poeta Sebastião e a esposa amada, Joana Luísa, além de terem aqui nascido, são duas das figuras mais renomadas desta vila.

Alguns, os mais velhos, que de alguma forma se cruzaram nas vidas deste casal, comovem-se com o emergir das memórias, o que também não nos deixa indiferentes. A título de exemplo, descrevemos algumas situações que, ou nos foram relatadas, ou testemunhadas por nós.

Um habitante da vila que nos relatou o seu testemunho, *in loco*, sobre a bondade e humildade de Sebastião da Gama: na sua meninice, este conterrâneo, acompanhado pelo seu pai, viu Sebastião despir o seu casaco, para o oferecer a um mendigo que passava por ele com pouco agasalho, em altura de muito frio.

Outra situação, que nos relatou, foi o facto de Sebastião cumprimentar toda a gente como se fossem seus familiares, o que atesta a sua humildade, ou, a peculiaridade de Sebastião falar sempre num tom muito alto.

Outra conterrânea que, também na sua puerícia conviveu com o poeta, relatou-nos como ficava envergonhada quando Sebastião elogiava as suas longas tranças e a cumprimentava com dois beijinhos.

Destacamos também a história de uma senhora que se mudou para esta zona há relativamente pouco tempo. Tão agradada e emocionada com o documentário que viu sobre a vida e obra do poeta ficou que solicitou, após ver o documentário, que o passássemos novamente. Passados uns dias, aqui retornou para novamente o ver.

Este período foi também de adaptação para todos nós – um novo espaço, uma nova rotina, um novo contexto, a descoberta e imersão na obra e vida do poeta e de sua esposa.

Cabe-nos, a partir deste momento, perspectivar quais as formas de valorizar o legado que nos foi deixado em mãos e dar continuidade à missão de divulgar a obra e vida de Sebastião e Joana Luísa.

Em jeito de conclusão, para nós, colaboradores desta Casa-Memória, e citando Sebastião da Gama, entrámos num **“campo aberto”** e **“pelo sonho é que vamos”** nesta nova etapa da nossa vida. #

André Lopes Mares, Camila Alves, Ivone Dias
Colaboradores da Casa-Memória



Louvor a Maria das Dores Meira e Celestina Neves e agradecimento a Raul Reis

Um voto de louvor a Maria das Dores Meira (ex-Presidente da Câmara de Setúbal) e Celestina Neves (ex-Presidente da Junta de Freguesia de Azeitão) e um voto de agradecimento ao designer Raul Reis foram aprovados por unanimidade na assembleia-geral da Associação Cultural Sebastião da Gama realizada em 17 de Setembro.

Na acta da sessão, pode ler-se que “a parceria muito intensa entre a Câmara Municipal de Setúbal, a Junta de Freguesia de Azeitão e a Associação foi extremamente importante para a concretização da Casa-Memória Joana Luísa e Sebastião da Gama”, pelo que foi aprovado por unanimidade “um voto de louvor e agradecimento à Dra. Celestina Neves e Dra. Maria das Dores Meira pelo compromisso assumido de arranjo e remodelação da Casa-Memória, bem como pelo envolvimento que sempre mantiveram nesta parceria, tão importante para a Associação”.

A assembleia manifestou ainda a unanimidade na gratidão ao designer Raul Reis pela oferta do novo logotipo que passou a identificar a ACSG, referindo a acta: “Sobre o novo logotipo da Associação, foi tecido um agradecimento ao designer Raul Reis, que, sem qualquer custo, produziu um novo logotipo para a Associação. Este logotipo foi aprovado e deverá, a partir de agora, constar em todos os documentos da Associação.” #

“Conversas para Sebastião da Gama”:

dar a conhecer o poeta
num projecto de
Idalina Veríssimo

É com o sentimento da grandeza das palavras “Pelo sonho é que vamos”, o gosto que Sebastião da Gama tinha por todas as coisas e pessoas que Idalina Veríssimo, membro da direcção da ACSG, quer, como azeitonense, alimentar a vontade de dar a conhecer Sebastião da Gama, o homem, o poeta azeitonense.

Assim nasceu o projecto “Conversas para Sebastião da Gama”, direccionado para todos aqueles que queiram conhecer Sebastião da Gama, que visitem a Casa-Memória Joana Luísa e Sebastião da Gama em Azeitão. O seu objectivo é dar a conhecer a vida e obra do poeta, Sebastião da Gama, manter viva a sua memória, dar voz ao seu legado e, ao mesmo tempo, promover a cultura e a literatura.

“Conversas para Sebastião da Gama” levará os participantes a um encontro com amigos de Sebastião da Gama de forma personificada, numa conversa entrelaçada numa rede de afectos, tecendo a memória viva, pelo tempo de convívio e pela amizade que os liga ao poeta Sebastião da Gama ao longo da sua vida.

Estas “Conversas” vão ocorrer com uma periodicidade mensal, de Abril a Agosto de 2022, dirigidas a todos os amantes de poesia, cultura, literatura, história, com limite máximo de ocupação para 10 pessoas, sendo necessária marcação prévia. O calendário das sessões será oportunamente divulgado. #

Biblioteca Municipal de Setúbal:

Sebastião da Gama será “Autor do Mês” em Abril

Em Abril, Sebastião da Gama será o “Autor do Mês” no programa que a Biblioteca Pública Municipal de Setúbal tem levado a cabo ao eleger a divulgação de um escritor por mês, com mostra bibliográfica e sessões públicas.

Para a concretização do programa, a Biblioteca de Setúbal contará com a parceria da Associação Cultural Sebastião da Gama e com a Associação Casa da Poesia de Setúbal. #

Poemas para Sebastião da Gama

Concurso de Poesia para Alunos da EB 2,3 de Azeitão

Para celebrar o dia Mundial de Poesia (21 de Março de 2022), a Associação Cultural Sebastião da Gama vai lançar o desafio aos alunos da Escola EB 2,3 de Azeitão para um concurso de poesia, cujo tema será “Poemas para Sebastião da Gama”, visando valorizar a produção literária, fomentar hábitos de escrita e de leitura, bem como promover a criatividade e premiar a produção de originais de poesia sobre a vida e a obra do poeta Sebastião da Gama. Haverá prémios para primeiro, segundo e terceiro classificado, duas menções honrosas para a criatividade e originalidade, certificados de participação para todos os participantes.

Participa! Leve os seus filhos ou os seus alunos a participarem!

Artigo 1º - Objectivo

A Associação Cultural Sebastião da Gama, no intuito de comemorar o Dia Mundial da Poesia (dia 21 de Março), pretende promover no corrente ano lectivo um Concurso de Poesia que visa promover a vida e a obra do poeta Sebastião da Gama, valorizar a língua portuguesa, criar hábitos de leitura, promover a escrita criativa, e premiar a produção de originais de poesia.

Artigo 2º - Destinatários

O Concurso destina-se a todos os alunos da Escola EB 2,3 de Azeitão.

Artigo 3º - Tema

A este concurso os participantes poderão apresentar poemas inéditos subordinados ao tema “Poemas para Sebastião da Gama”.

Artigo 4º - Participação

Os concorrentes poderão concorrer com o máximo de 2 poemas.

Artigo 5º - Prémio

Serão atribuídos prémios para o 1º, 2º e 3º classificados, menções honrosas para a originalidade e criatividade e certificado de participação a todos os participantes.

Artigo 6º - Admissibilidade dos trabalhos

São admitidos a concurso apenas os trabalhos originais e não publicados, entregues directamente na Associação Cultural Sebastião da Gama, em envelope fechado, onde numa folha em separado deverão indicar o nome, ano, a turma, o contacto.

Artigo 7º - Critérios de admissão

Os trabalhos não devem exceder uma página A4 e terão de indicar um título.

Artigo 8º - Direitos de autor

Só poderão ser submetidos a concurso textos inéditos, pelo que qualquer plágio será desclassificado.

Os autores autorizam a divulgação, utilização e publicação, de forma gratuita das poesias a concurso em toda e qualquer actividade da Associação Cultural Sebastião da Gama.

Artigo 9º - Prazos

O concurso rege-se pelos seguintes prazos:

- a) Até 28 de Fevereiro 2022 – Recepção dos poemas
- b) De 1 a 20 de Março 2022 – Análise / seleção dos poemas
- c) 20 de Março 2022 – Divulgação dos vencedores
- d) 21 de Março 2022 (Sarau) - Entrega dos prémios

Artigo 10º - Constituição do Júri

O Júri do Concurso é composto por: um representante da Associação Cultural Sebastião da Gama, um representante da Casa da Poesia de Setúbal, um convidado.

Artigo 11º - Critérios de avaliação

Os critérios de avaliação dos poemas enviados deverão de obedecer aos seguintes itens: riqueza de conteúdo, originalidade, criatividade.

Artigo 12º - Entrada em vigor

Este regulamento entra em vigor após a sua publicação e poderá ser divulgado nos placards da Escola, na página Web do Agrupamento da Escola.

Para mais informações ou esclarecimento de dúvidas, contactar 969754510 ou 914256927.

Representante da Associação Cultural Sebastião da Gama: Idalina Veríssimo.

Em Memória de António Osório (1933-2021)

A partida de António Osório constituiu uma perda significativa para a memória de Sebastião da Gama e de Joana Luísa (tendo sido amigo de ambos) e para a Associação Cultural Sebastião da Gama (de que foi associado).

Sobre o poeta azeitonense, António Osório testemunhou em diversas circunstâncias, deixando bibliografia rica de memórias em textos como: “Sebastião da Gama” (*A Ignorância da Morte*, 1978), “Como conheci Sebastião da Gama” (*O Setubalense*, 2006-04-26), “Sebastião da Gama entre os Amigos” (*Sebastião da Gama - O Poeta e o Professor - Estudos e Perspectivas*, 2007), “Os Amigos de Sebastião da Gama” (*Vozes Íntimas*, 2008). Prefaciou ainda um conjunto de cartas de Sebastião da Gama para diversos amigos, recolha feita por Joana Morais Varela, ainda não publicada.

Pela sua poesia, em que está presente o afecto à cultura clássica e à estética, passa também o culto dos momentos e das pessoas, a Natureza e, inevitavelmente, a serra da Arrábida.

António Osório e o equilíbrio, entre Sado e Arrábida

Em 1996, nos vinte anos da criação do Parque Natural da Arrábida, publicava-se em Setúbal o opúsculo *Junto ao Sado e Arrábida*, dezasseis poemas de António Osório (1933-2021), numa edição do Instituto da Conservação da Natureza e do Parque Natural da Arrábida. A origem desses textos estava nos livros *A raiz afectuosa* (1972), *A ignorância da morte* (1978) e *Planetário e zoo dos homens* (1990), sobrando ainda dois que viriam a ser integrados em *Crónica da fortuna* (1997).

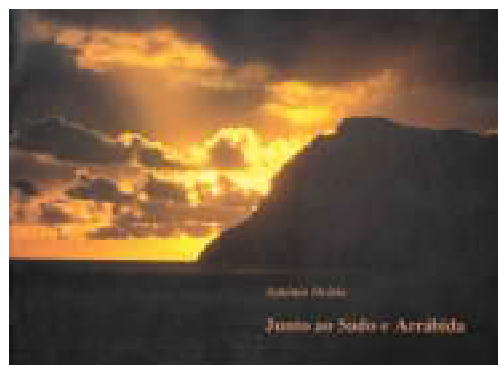
Em *Junto ao Sado e Arrábida*, o leitor visita a paisagem revestida pelo branco e pelo vento que animam um moinho, ao mesmo tempo que, junto ao postigo, se fixa na naturalidade do curso da vida - “os grãos de trigo / estremeciam / antes de se perderem” -, assim como conhece a paisagem de Aldeia de Irmãos, lugar que abriga pessoas e animais, num cenário que apresenta “em torno vinhas, olivais, / irmãos uns dos outros / como tijolos dentro da parede.”

Noutro passo, sente-se a beleza única das camarinhas, conjugando a estética da planta e o gosto sentido - “bagas acídulas, / iguais a pérolas”, num fruto que se atapeta sobre as dunas, resistente “ao salitre penetrante das vagas”. Ainda sob domínio do mar, em espera invernosa, as gaivotas são apresentadas como “curiosas, húmidas, algo de pombo, milhafre,

cinza”, ocupando, “para ver gente, o ponto iluminante dos candeeiros”, num tempo em que “aguardam o que não temem, as devoluções do mar”.

As plantas são tema ainda em poemas como “As dez nogueiras” ou “O apanhador de ervas”, no primeiro se afirmando a relação de proximidade e respeito entre o homem e a Natureza - “Plantadas no Inverno (...), atravessarão o tempo, muito tempo. E darão sombra e fruto a outras gerações. Se eles forem cuidadosos, abençoarão um a um os seus donos.” -, enquanto o segundo acompanha à lupa a persistência de um homem em quatro décadas de recolha de plantas - “Há quarenta anos anda pela vala real (que já ninguém conhece), destila na caldeira de seu avô plantas salutares”.

continua na pg. seguinte



António Osório e o equilíbrio, entre Sado e Arrábida

continuação da pg. anterior

A figura humana é glorificada em vários momentos: no poema “Cabo do mar”, com um protagonista poderoso, mas humano - “não era Neptuno, mas o descalço / e poderoso cabo do mar”; na descrição da vida do fazendeiro; a propósito de um amigo, Sebastião da Gama, enaltecendo a sua ligação à Arrábida e traçando-lhe o retrato que a memória conservou - a fala da fraternidade, o sorriso infantil, a boina (“travessura mordaz, / tua exclusiva defesa”), os alunos (“à volta, / atrás do sobretudo, cachorros / que amamentavas”), os livros (“debaixo do braço, farnel / de poesia ambulante”), a água bebida da infusa (“como pedreiro, de um jacto”).

Também a fragilidade da vida por aqui perpassa - ora pela “patada, / relincho, trigo por ladrão gadanhado”, que foi o choque da morte de Sebastião da Gama, ora pela imagem de um esqueleto em “Caldeira da Tróia”, visto enquanto golfinhos saltavam no Sado: “Não, não é fácil a ruína de um corpo. / Nem plácida a boca escavada / e as órbitas de símio desafiando os vivos.”

Por estes poemas de António Osório passa a sua leitura do mundo, da vida e da memória, numa atenção veneranda por tudo o que o rodeia, quase sinal de agradecimento pela existência e pela harmonia encontrada, na busca da palavra essencial para suportar imagens intensas e sóbrias, construtoras da sensibilidade do equilíbrio. #

João Reis Ribeiro

SYNAPSIS e ARRÁBIDA LEGEND são parceiros da Associação Cultural Sebastião da Gama na promoção e realização de actividades

sYnapsis

**Arrábida
Legend**

Sebastião da Gama na Arrábida

Dali o mar era visível
Dali era visível o Universo
Ouvindo o silêncio e o impossível
Auridos na mística teia do seu verso.

Os anjos embalavam o seu grito
Nos versos rolando das alturas
Cezidos a fios de ouro e a infinito
Como luzeiros vivos em noites escuras.

Estou a vê-lo ainda pelos montes
Naquele seu jeito manso e solitário
A dedilhar poemas, a abrir as fontes
Do seu vasto reportório imaginário.

E de tão longas nostalgias e lonjuras
Ficou o cósmico silêncio do Universo
A serra, o mar das águas puras
Gravadas a sangue-azul no seu verso.

Anabela Coelho

(Vencedora do Prémio de Poesia Sebastião da Gama 2020)



Direito do Ambiente discutido em Setúbal com Sebastião da Gama presente

Em 29 de Outubro, aconteceu em Setúbal a primeira edição das Jornadas de Direito do Ambiente da Comarca de Setúbal. A ACSG foi convidada a participar com um espaço de exposição sobre Sebastião da Gama e ao Presidente da Direcção foi solicitada intervenção sobre o papel do nosso patrono na defesa da Arrábida. O texto que se reproduz contém as linhas principais dessa participação.

Peço vénia para este recém-azeitonense, que por ser mau na oratória – e aproveitando a presença de tantos ilustres advogados nesta não menos ilustre terra –, lhes confessar que iniciarei esta intervenção com um roubo: permitam-me pois que me apresente pelas palavras bem medidas que furtei ao ilustre Mestre que a Graça Divina me concedeu: o Senhor Professor Doutor Gonçalo de Sampaio e Mello. É com muito gosto que me apresento hoje aqui, *“verdadeiro menino de calça curta entre doutores”* para *“discorrer sobre alguém cujo destino se revelou excepcional.”* (Rev. GSM, 122)

Durante todo o dia, V. Exas. tiveram oportunidade de se cruzar com o nome do homem que é a razão que aqui me traz: Sebastião da Gama, Sebastião Artur Cardoso da Gama, de seu nome completo: poeta, professor, pedagogo e – porque não dizê-lo? – ambientalista, ou pioneiro no que possamos identificar como o ambientalismo português.

Fazendo uma pausa no interessante debate sobre normas e regras, apresento-me em jeito de intervalo com dois objectivos: falar-vos de Sebastião da Gama; continuar a transmitir a sua mensagem, dando-vos a conhecer esta montanha com que todos se cruzaram enquanto se dirigiram a esta terra: a Arrábida, a evocar o seu nome, publicitar os seus tesouros, mantendo o seu estatuto de lugar incontornável na paisagem literária portuguesa, estatuto esse pelo qual Sebastião da Gama foi um dos grandes responsáveis.

Mas comecemos pelo princípio: quem foi Sebastião da Gama? Faço uma nota biográfica breve (quase tão breve, como a vida do Poeta):

Sebastião da Gama nasceu em Azeitão, a 10 de Abril de 1924. Aos 14 anos foi-lhe diagnosticada uma tuberculose óssea que o le-



vou, por razões terapêuticas, a residir no Portinho da Arrábida, mais propriamente no Forte de Santa Maria, onde os seus pais instalariam uma pousada (hoje Museu Oceanográfico).

Licenciou-se em 1947 em Filologia Românica com a classificação de 17 valores. E foi ainda enquanto estudante, em 1945, que editou o seu primeiro livro de poemas intitulado *Serra-Mãe* – obra dedicada à serra da Arrábida.

Terminado o curso, foi colocado como professor provisório na Escola Comercial e Industrial de João Vaz, em Setúbal e posteriormente, em 1949, iniciou o estágio pedagógico na Escola Comercial de Veiga Beirão (esse grande jus-comercialista que deu nome ao nosso Código Comercial!), em Lisboa, época em que produziu o seu *Diário*, considerado uma *magnum opus* de leitura obrigatória para todos os professores.

continua na pg. seguinte

Direito do Ambiente discutido em Setúbal com Sebastião da Gama presente

continuação da pg. anterior

Em 1950, fez o exame de Estado para professor, com a média de 18 valores.

No ano lectivo de 1950/51, iniciou as suas funções como professor efectivo da Escola Comercial e Industrial de Estremoz.

Neste último ano de 1951, casou no Convento da Arrábida, com a grande mulher e razão pela qual ainda hoje aqui estamos a recordar Sebastião da Gama: Joana Luísa.

A dois meses de completar 28 anos, na madrugada do dia 7 de Fevereiro de 1952, morreu em Lisboa, vítima de tuberculose renal, no hospital de S. Luís dos Franceses.

O que salta à vista neste sintético relato de uma sempre breve vida de 27 anos? Além do seu brilhantismo académico – surpreendente nos dias de hoje para quem enfrenta a vida com uma espada ao pescoço – permitam-me uma resposta evidente e que me parece ser a única que vos interessa: a omnipresença da Arrábida.

Volto a roubar palavras a outros, neste caso ao nosso Presidente da República, o Senhor Professor Marcelo Rebelo de Sousa, aquando da inauguração da Casa-Memória, em Azeitão. Como teve oportunidade de referir, Sebastião da Gama era um “franciscano” - *“Franciscano, devido ao seu vivo sentimento da Natureza, dos animais e das coisas, à sua fraternidade, ao seu ecologismo antes de tempo, à omnipresença da ‘serra-mãe’ da Arrábida, onde vivia por gosto e por resguardo”*.

Em nada é possível separar Sebastião da Gama e a Arrábida; muito menos no seu ecologismo ou ambientalismo. A serra é parte de si: ele cresceu na Arrábida e tinha o desejo profundo de a conhecer, como escreveu em 1949: *“O mais difícil não é ir à Arrábida. Difícil, difícil, é entendê-la”*.

Quase poderíamos dizer que a Serra é o seu mundo, porque tudo nele nos remete para a Serra; que a sua obra é uma homenagem à serra, do mesmo modo que constitui um guia para os que a querem conhecer.

Convido os penitentes que aqui me ouvem

a visitar o site do Arquivo da RTP e pesquisarem por Sebastião da Gama. Aí encontrarão diversos documentários sobre o nosso poeta, embora seja meu propósito destacar um: datado de 1975, ainda monocromático, contendo depoimentos da viúva, que, sentada no recanto do Jardim do Buxo, no Convento da Arrábida, partilha com o telespectador como Sebastião da Gama se deslocava a pé até ao Convento, ali passando dias inteiros, correndo a serra de um lado ao outro, conhecendo todos os seus segredos (segredos esses que tantos outros escrevem e afirmam ter sido Sebastião da Gama a revelar-lhes), vendo o nascer e o pôr do sol, comendo o que levava consigo; sabendo qual o sítio e hora donde melhor se via o pôr e o nascer do sol, a luminosidade do meio dia, etc.

Como escreve João Reis Ribeiro – Vice-Presidente da Associação que presido e o maior conhecedor da obra de Sebastião da Gama que conheço – *novo roubo!*: *“Não foi apenas a proximidade entre Azeitão e a serra que levou este jovem ao fascínio pela Arrábida. (...) Sebastião da Gama passou a viver no Portinho da Arrábida (...) ali passeando e desvendando os segredos da serra, (...) ali convivendo com pescadores e veraneantes, ali se acolhendo e poetando.”*

Este sentimento de pertença é bem claro quando lemos algumas das suas cartas. Veja-se o que escreve, em 1944, à sua noiva: *“A Arrábida ocupa, como sabes, um dos bocados deste meu coração enorme e bem repartido: (...), ela é para mim como que uma mulher; que é para mim uma presença humana; e tenho saudades dela, se longe, como de uma namorada”*. E noutra carta: *“Tu e a Serra, as minhas duas noivas.”*

Permitam-me uma pergunta, caros ouvintes: será que as vossas mulheres vos permitiriam afirmações destas sem estragar a tranquilidade do vosso lar?

Recordem-se algumas passagens da sua obra *Serra-Mãe*. No que dá título ao livro do mesmo nome: *“Na noite calma, a poesia da Serra adormecida, vem acolher-se em mim, / e o comba-*

continua na pg. 26

Sebastião da Gama

síntese biográfica em verso

Foi no dia 10 de Abril de 1924,
Aos pés da serra que amou,
Que nasceu o Poeta
Que em seus versos a cantou!

Vila Nogueira de Azeitão
Foi sua terra natal,
Onde nasceu, em casa,
No nº 88 de uma rua principal!

Sebastião Artur Cardoso da Gama
Foi o nome atribuído,
Mas hoje, como
“Poeta da Serra da Arrábida”
Ele é, também, conhecido!

Foi Poeta e Professor
E os seus alunos marcou
Pelo método pedagógico
Que com eles utilizou!

Consciente do valor
Da boa camaradagem,
Em cada aluno confiou
E o gosto por aprender
Em todos estimulou!

Aprendiam a Matéria
Sem esforço e com vontade
Porque eram estimulados
E até... desafiados
Na sua criatividade!

Consciente da importância
E do papel da Poesia,
Transmitia-lhes Saber
E levava-os a escrever
Com gosto... com alegria!

Leccionou em diferentes Escolas
A disciplina de Português.
Em Lisboa, Setúbal
E Estremoz, onde
O seu nome ficou ligado
À Escola Básica EB2,3!

Sofrendo de uma doença
(Tuberculose renal),
Procurou na sua Serra
O ar puro que lhe desse
A cura para esse mal!

Foi viver para o Portinho
(da Arrábida)
Onde de noite escutava
O som tranquilo da Serra
Que a sua Alma acalmava!

Sua obra, que dedicou
À sua Serra adorada,
Fez dele Poeta Maior
E em seus versos de Amor
A deixou eternizada!

Ficou bem expresso no livro,
O primeiro que publicou,
Essa Paixão, esse Amor,
Que a Arrábida lhe inspirou!

Um amor quase filial
(Como se à Mãe que o gerou)
E, por ser tão especial,
“Serra Mãe” ele lhe chamou!

Dessa serra alta e bela
Donde ele ouvia o mar,
Era ele o Sentinela
Olhando-a pela janela,
Atento... a contemplar!

E, à noite, na escuridão,
Quando chegava o luar,
O manto branco de luz
Acendia-lhe o Olhar!

Palpitava o coração
De amor puro e incerteza
E surgia-lhe a questão:
Porque não há protecção
P’ra tão bela Natureza!?

Amante da sua Serra,
Em que tudo o inspirava,
Em prol da sua defesa,
Surgiu por influência sua
(em 1948)
A primeira Liga Ecologista:
A Liga para Protecção da Natureza!

Por não vencer a Doença,
Acabou por ser vencido.
Morreu jovem, muito jovem,
Mas jamais será esquecido!

Foi a 7 de fevereiro de 1952
Que o Poeta nos deixou.
Já não mora na Arrábida,
Mas o seu Amor...ficou!

E hoje a Serra que se ergue,
Imponente, mas discreta,
(É Bela por natureza)
Mas tem especial Beleza
Por ser Musa do Poeta!

Ficou nela o doce encanto
Do Sonho... da Fantasia,
Com que o Poeta a olhava,
A paixão com que a amava,
Ficou Nela... A Poesia!

Leonor Alvito (Junho/2020)



Direito do Ambiente discutido em Setúbal com Sebastião da Gama presente

continuação da pg. 24

te magnífico da Cor, que eu vi de dia; / e o casamento do cheiro a maresia com o perfume agreste do alecrim / e os gritos mudos das rochas sequiosas que o sol castiga / passam a dar-se em mim.” Na “Oração da Tarde”: *“Ao crepúsculo, a Serra é catedral”*.

Mais ainda: convido-vos a ler o opúsculo *A Região dos Três Castelos*, que poderão encontrar no livro *O Segredo É Amar*, onde o poeta expõe a diversidade da flora, associando à viagem pela Serra a viagem pelos sentidos: começa no alecrim, no rosmaninho, na esteva; depois, o medronheiro; mais adiante, a aroeira e o zimbro, etc.

Esta omnipresença da Serra da Arrábida na sua vida – um caso de amor verdadeiro –, aliado a um espírito de acção, tornam Sebastião da Gama um dos primeiros ecologistas portugueses: nele residem não só o interesse literário ou místico; ele é um Homem de convicções e de acções.

Prova disso é o episódio célebre, que não posso deixar de aqui recordar por crer ser aquele que motivou o meu convite para tão digna reunião: a carta de Sebastião da Gama que ainda é considerada acto fundador da Liga para a Protecção da Natureza, que mais tarde esteve na origem do Parque Natural da Arrábida.

Demonstrando como Sebastião era um Homem que vivia as suas convicções levadas ao limite, em 1947, dirigiu a diversas entidades e jornais (Sociedade da Propaganda Nacional, *Diário de Notícias*, *Diário Popular*, entre outros) cartas queixando-se do Sr. José Júlio, proprietário de um forno de cal em Alportuche, que estava a “converter em lenha” a Mata do Solitário – essa “catedral” de sombra, como lhe chamava o poeta - *“Sendo [a Mata do Solitário], até metade, propriedade do senhor José Júlio da Costa entende ele que tem por isso o direito de convertê-la em lenha. Eu entendo que não.”*

E implorando ao Engenheiro Miguel Neves, enche duas páginas (uma delas apenas com a sua assinatura): *“Sr. Eng. Miguel Neves. Socorro! So-*

corro! Socorro... O José Júlio da Costa começou (e vai já adiantada) a destruição da metade da Mata do Solitário que lhe pertence. Peço-lhe que trate imediatamente. Se for necessário restaure-se a pena de Morte. SOCORRO!”

Termino com uma questão pessoal: dito tudo isto, que gostaria que constasse para a história acerca de Sebastião da Gama enquanto ambientalista ou ecologista? Respondo com as palavras de João Reis Ribeiro: *“Sebastião da Gama vivia as suas convicções, sobretudo se elas lhe chegavam através da poesia, como era o caso desta sua relação com a Arrábida”*

Não pretendia ler-vos um poema. No que pode ser aceitável nesta frase, sou contra leitura pública de poema, pois como Sebastião da Gama escreveu, a leitura de um poema já não é o poema, mas outra coisa.

Num texto intitulado “Sobre a Poesia – Dois Dedos de Conversa”, inicialmente publicado no *Jornal do Barreiro*, que podem encontrar no livro *O Segredo é Amar*: *“Um amigo meu, revolucionário de raiz, pede que sejam os versos gravados em disco em vez de impressos em papéis. E tem ele muitíssima razão. Os poetas fizeram os seus versos para serem ouvidos, não para serem lidos; ouviram-nos antes de os lerem, que é esse mesmo o milagre da inspiração. Gravados, chegariam puros aos ouvidos do público; chegariam aos ouvidos do público como o Poeta os quis, como o Poeta os soube.”*

Porém, há sempre excepções à regra. Por isso, aqui vos deixo a “Tradição”, de Sebastião da Gama: *“Os engenheiros vieram, mediram, olharam... / Havia árvores velhas... / Mandaram deitar abaixo / e os homens deitaram. // Sem lamentos, sem ais, / as árvores caíram... / Mas os engenheiros não puseram mais; / em seu lugar apenas / três cardos enfezados refloriram. // E os cardos vis são gritos de revolta / das sombras errantes pelo Ar; / das sombras que tinham por abrigos / aqueles freixos antigos / que o machado foi matar. // As sombras gritam, mas os engenheiros / Não põem freixos novos no lugar.” #*

Lourenço de Moraes

Itinerário - O meu caminho até Sebastião da Gama **um filme sobre o poeta azeitonense**

***Itinerário - O meu caminho até Sebastião da Gama* é o título de um filme que está a ser realizado por Alberto Pereira (que já tem no seu currículo um outro, sobre Frei Agostinho da Cruz), cuja estreia acontecerá neste ano, em que se assinalam os 70 anos sobre o falecimento do poeta.**

Aqui apresentamos o realizador, que nos dá a sua justificação, e por aqui passam também as palavras de Salvador Peres, autor do guião do filme.

ITINERÁRIO: O MEU CAMINHO ATÉ SEBASTIÃO DA GAMA é um filme/documentário de autor, com produção Synapsis, que tem como objectivo celebrar, em 2022, ano em que se completa 70 anos sobre o falecimento de Sebastião da Gama, o Poeta do Amor e da Natureza, que escolheu a Arrábida como lugar de eleição.

Com esta ideia em mente e com a participação de alguns elementos do Synapsis, que abraçam desafios culturais de forma voluntária e informal, estão já em curso as gravações de imagem e som, que tiveram início no último semestre de 2021. O desconhecido que irá desvendando a figura de Sebastião da Gama é protagonizado por João Completo, declamador e fotógrafo, também pertencente ao grupo Synapsis. O guião e a música do filme são da autoria de Salvador Peres. A produção conta com o apoio do grupo cultural Synapsis.

Este filme surge dois anos após a produção e exibição, em 2020, de um outro, intitulado *A Serra de Agostinho*, também com produção Synapsis, com texto de Salvador Peres e realização de minha autoria, sobre a vida e obra de outro grande poeta da Arrábida, Frei Agostinho da Cruz. #

Alberto Pereira



Alberto Pereira nasceu em Setúbal, onde teve uma infância alegre, quando a rua ainda era um local de brincadeira, mas foi a entrada nos escuteiros que mais marcou a sua juventude e crescimento. Fora da sua actividade profissional (auditor de qualidade), encontra espaço para ocupar o seu tempo com o que verdadeiramente o realiza - ler, ouvir música, tocar, pintar e, recentemente, revela interesse pela arte de filmar e fotografar.

O fascínio pelo desenho e pela pintura, fruto de influência materna e paterna, começou ainda em criança.

Inscrive-se na escola naturalista, é um retratista do lugar. As suas telas e desenhos congelam o instantâneo, num registo afável e sereno, que convida a visitar o lugar. A paixão pelo desenho a traço foi retomada após anos de interrupção, sucedendo a uma fase dedicada à pintura a óleo e a acrílico. Tem participado em inúmeras exposições individuais e colectivas e a sua obra encontra-se já representada, não só em Portugal, como também em outros países.

Na sétima arte, os seus filmes têm sido seleccionados para alguns festivais de curtas metragens, onde já ganhou alguns prémios. Na música, integra o grupo e-Vox. É membro do grupo Synapsis. #

Itinerário - os acasos também vão dar à poesia

Sobre o filme *Itinerário - O meu caminho até Sebastião da Gama*

A ideia que norteia o filme *Itinerário: o meu caminho até Sebastião da Gama* parte de um acaso: a descoberta, por um desconhecido, de um livro de Sebastião da Gama, *Serra-Mãe*, perdido num banco de jardim.

A pessoa que encontra o livro não se lembra, no momento do achado, de alguma vez ter ouvido falar de Sebastião da Gama, mas fica curiosa e inicia um caminho de descoberta do Poeta e da sua obra. Ao longo do filme, passando por vários locais, histórias e situações, essa pessoa vai narrando a forma como chegou ao conhecimento do Poeta.

Esse caminhar em direcção ao Poeta é, também, uma redescoberta da pessoa que se propõe levar esse objectivo a termo. Intrigado com a descoberta do livro, o desconhecido vai rebuscando nos labirintos da memória lembranças vagas, de pessoas, situações e conversas, buscando um fio condutor que o leve a chegar perto do autor daquele livro de poemas que tanto o atraiu e desafiou.

O achador do livro interroga-se sobre o acaso que trouxe ao seu conhecimento aquele poeta desconhecido. E a vontade de o conhecer, saber quem foi, onde viveu, cresceu e escreveu e porque escolheu a Arrábida como fonte de inspiração, tornaram-se quase uma obrigação.

A pouco e pouco, vêm-lhe à lembrança vagas referências a Sebastião da Gama. A professora de língua portuguesa que falou de um poeta que bebia a sua inspiração na mágica e inspiradora Serra da Arrábida. Uma escola em Setúbal com o nome de Sebastião da Gama. E, ao ler o poema "Soneto do Tempo Perdido", a súbita lembrança de que já ouvira aqueles versos cantados num disco de uma banda musical, oferecido por um amigo.

A partir destas esparsas memórias e ajudado pela ficha técnica do disco, que tinha lá por casa esquecido, chegou ao amigo, um pintor, que, de parceria com outro pintor, pintara a tela que emoldurava a capa do disco.

Depois, advém uma sucessão de ligações, como um puzzle que se vai montando peça a peça, e, a cada peça montada, a emergência do

sentido daquela descoberta e do significado daquele acaso. O quadro que emoldura a capa do disco, disse-lhe o amigo pintor, está exposto em Azeitão, terra do poeta, na recém-criada Casa-Memória Joana Luísa e Sebastião da Gama. E a Casa-Memória, propriedade de Joana Luísa, a mulher que Sebastião da Gama amou e com quem casou, foi deixada, por disposição testamentária, à Associação Cultural Sebastião da Gama com o objectivo de se tornar num espaço de divulgação da obra do Poeta. O desconhecido fica capturado pela tocante história de amor vivida por Joana Luísa e Sebastião da Gama. Uma história de amor que se perpetuou para além do desaparecimento do Poeta.

continua na pg. 30



Momentos da filmagem partilhados entre João Completo e Alberto Pereira





Proposta para associado

Nome: _____

Morada: _____

Código Postal: _____ - _____ Localidade: _____

Telefone / telemóvel: _____

Email: _____

Os dados constantes nesta proposta destinam-se apenas à ACSG, visando o contacto com os seus associados. Em nenhum caso serão transmitidos a terceiros.

Quota anual: 15,00 €

Forma de pagamento: _____

Data: ____/____/____ Assinatura: _____

.....

(A preencher pela Direcção)

Aprovado em reunião da Direcção em: ____/____/____ Associado nº: _____

A Direcção: _____

Associação Cultural Sebastião da Gama

Rua José Augusto Coelho - Casa-Memória Joana Luísa e Sebastião da Gama - 2925-542 Azeitão
acsgama@sapo.pt

Itinerário - os acasos também vão dar à poesia

Sobre o filme *Itinerário - O meu caminho até Sebastião da Gama*

continuação da pg. 28

A seguir a Azeitão, vem a Arrábida, lugar mágico que já tinha atraído outro grande poeta, Frei Agostinho da Cruz, que levou a poesia e a espiritualidade para a Serra e se enclausurou no seu seio, num despojamento absoluto. Na solidão da Arrábida, falou a Deus, interrogou-o, interpelou-o e vivenciou o grande mistério do Seu silêncio. E Deus ficou lá com ele, disseminado no céu e no mar, nas plantas e nos animais, na grandiosidade da paisagem.

E o desconhecido, achador do livro, embrenha-se na Serra, onde Sebastião da Gama encontrou Deus e bebeu a liberdade e a espiritualidade que difundiu pelos seus versos. E interioriza que a partir da Serra, o Poeta libertou sobre o mundo o imenso legado da sua obra poética, levando-o até aos mortais que vivem na espuma dos dias a tragédia da condição humana.

A demanda do desconhecido termina no Forte de Santa Maria da Arrábida, para onde Sebastião da Gama foi viver, aos catorze anos, por conselho médico que recomendava os ares e as praias da Arrábida a um jovem que já padecia de um mal que o haveria de levar na flor da idade.

Ali, o achador do livro *Serra-Mãe* sente, mais que em qualquer outro lugar, a respiração do Poeta. Naquele lugar único, a sua presença torna-se tão intensa como a luz que irradia, livre, pelos terraços panorâmicos da Fortaleza, com vista para o Portinho e para a sua querida Pedra d'Anicha.

Por toda aquela imensidão oceânica, respaldada pelos contrafortes da Serra-Mãe, se vivencia, nas gradações de luz e na mescla de aromas, a eternidade do Poeta. #

Salvador Peres

Sebastião da Gama nos novos manuais escolares

“O Sonho” é o poema mais reproduzido

O poema “O Sonho”, iniciado pelo talvez mais conhecido verso de Sebastião da Gama, “Pelo sonho é que vamos” (que também deu título a livro póstumo do poeta, em 1953), é reproduzido em sete dos oito manuais escolares apresentados em Maio para a disciplina de Português do 7º ano, visando a adopção pelas Escolas a partir do corrente ano lectivo.

Incluído na unidade sobre o texto poético, o poema integra as obras *A Par e Passo* (ASA), *Entre Nós* (Areal), *Livro Aberto* (Porto Editora), *O Mundo em Palavras* (Raiz), *Palavra-Chave* (Porto Editora), *Ponto pt* (Areal) e *Mensagens* (Texto), ainda que, neste último título, surja apenas no “Caderno de Actividades” (vacionado para os alunos, mas não de existência obrigatória) e nas propostas de “Fichas de Trabalho” em volume dirigido aos professores. O manual *Palavras (En)cantadas* (Plátano Editora) optou pela escolha do poema

“O Papagaio” (cuja primeira publicação surgiu em *Itinerário Paralelo*, em 1967), versos que também integram o “Caderno de Actividades” do manual *Palavra-Chave* (Porto Editora).

As notas biográficas são escassas de conteúdo na maioria dos casos, pois, com excepção de *Livro Aberto*, *Palavra-Chave* e *Ponto pt*, não indicam outros títulos de obras de Sebastião da Gama que não seja o *Diário* e a obra em que o poema está incluído.

A presença da Arrábida passa pela quase totalidade das notas, louvável pelo significado que tem na obra do autor. Estranha é a observação em *A Par e Passo* - “A sua obra abrange dois temas centrais: a serra da Arrábida e a tuberculose, doença que o vitimou ainda novo (aos 28 anos)”. Verdadeira, a serra; incorrecto que a tuberculose seja “tema central” da poesia de Sebastião da Gama, como incorrecta é a idade com que faleceu. # J.R.R.

70 anos do falecimento de Sebastião da Gama

A memória do Poeta começou em Fevereiro de 1952

Ao ar frio daquele Fevereiro de 1952 veio juntar-se uma outra frialdade, a da vida que se extinguia, a da saudade que o desaparecimento precoce de Sebastião da Gama deixava. Estava-se no dia 8 de Fevereiro e o jovem Nicolau, então com 18 anos, meteu pés ao caminho, percorrendo a distância que separava Palmela (onde vivia) de Azeitão, percurso que fez sozinho, correndo atrás da necessidade que tinha de se despedir do seu jovem mestre.

Da cabeça não lhe saíam as lições ouvidas nas aulas de Português na Escola Comercial e Industrial João Vaz, em Setúbal, proferidas por um professor que era também seu amigo, lhe abriu horizontes e o levou a ganhar vontade de saber e de estudar, Sebastião da Gama de seu nome. O mínimo que lhe devia era esta despedida para sempre. Assistiu à cerimónia fúnebre e o professor Medeiros, director da Escola, ao saber que o jovem viera a pé por não ter dinheiro para o transporte, no final, deu-lhe as moedas necessárias para que o regresso a Palmela fosse em autocarro.

Esta memória nunca abandonou Nicolau da Claudina (1933-2020) porque também a influência que Sebastião da Gama nele teve foi determinante para a sua vida. O jovem Nicolau fez parte do vasto grupo de admiradores e de saudosos que choraram em Azeitão naquele dia, entre os naturais da vila, os familiares, os amigos, pessoas dali, pessoas vindas de fora, todas num gesto solidário.

Sebastião da Gama, com 27 anos, falecera no dia anterior, pela manhã, no Hospital de S. Luís dos Franceses, em Lisboa, exactamente o mesmo estabelecimento hospitalar em que, dezassete anos antes, se finara um outro poeta que o azeitonense muito admirara, Fernando Pessoa. A meningite minara-o e foi responsável por sucessivas falências até ao encontro com a morte. Nesse fatídico 7 de Fevereiro, David Mourão-Ferreira (1927-1996), amigo grande de Sebastião, estava em Mafra, no quartel onde cumpria o serviço militar e, no final do dia, escrevia no seu diário: “Meia-noite, caserna: Acabam de me entregar um telegrama de meu Pai, com a seguinte notícia: a morte do Sebastião da Gama. Outro! Outro que morre. Depois do Manuel de Almeida Júnior, do Maia de Jesus, do José-Aurélio, e do Manuel Belchior, e da Maria Henriqueta - o Sebastião!” Parece apenas uma enumeração, mas é muito mais do que isso: é a amizade que só pode ser continuada pela memória.

David Mourão-Ferreira foi também uma das presenças na despedida em Azeitão no dia 8 de Fevereiro, pelas 17h00. Provavelmente, ter-se-á cruzado com Nicolau, com a Matilde Rosa Araújo (1921-2010), com os que vieram de Estremoz (onde Sebastião leccionara) e com tantos outros. No dia seguinte, 9, em

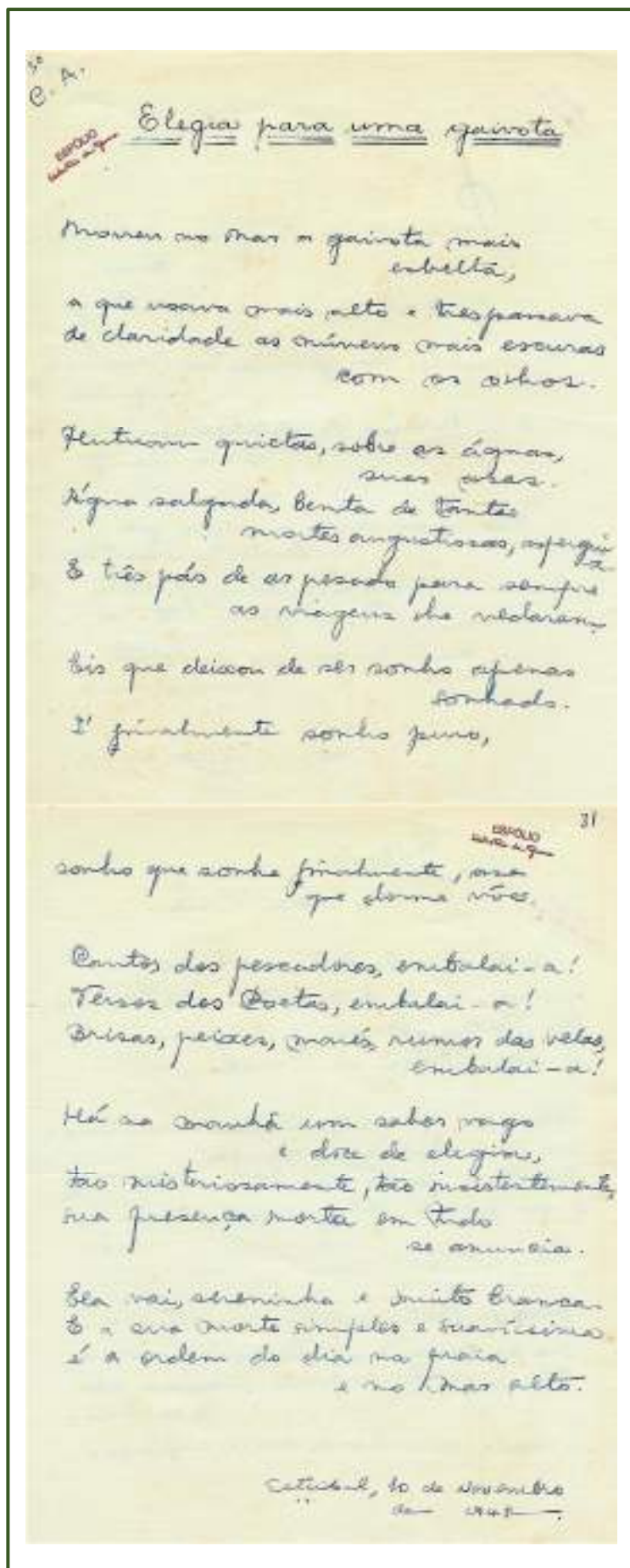
Lisboa, o diário de David receberia este espantoso desabafo: “Lisboa, 3 horas da tarde, Pastelaria Herculano: Ontem, enterro do Sebastião. Estava um dia lindíssimo: atravessei o rio e fui, de camioneta, até Azeitão; apeei-me precisamente no local onde, há cinco anos e meio, ele me esperara, quando da primeira vez que fui à Arrábida. Desta vez, porém, não subimos a serra. Acompanhei-o ao pequeno cemitério da vila, onde agora repousa no ‘campo aberto’ que ele próprio previra. Era o melhor de todos nós, o Sebastião: o menos literato de todos nós.”

A partir dali, o tempo não foi longo para que as homenagens surgissem. Ainda em 1952, a revista literária *Sísifo*, de Coimbra, no seu quarto número, abria com a morte do poeta - “Quando este 4º fascículo já estava em andamento, integrando no seu sumário o poema inédito ‘Anunciação’, recebemos, pela notícia singela de um jornal da tarde, o golpe duro da morte de um querido amigo - Sebastião da Gama.” O segundo número da revista *Árvore* era dedicado “à memória de Sebastião da Gama, ao poeta e ao amigo que perdemos”, e publicava o seu poema inédito ‘Ressurreição’ e a homenagem escrita de Luiz Amaro de Oliveira, António Luís Moita, Albano Martins, José Terra e António Ramos Rosa, além de um retrato de Sebastião da autoria de Bonifácio Lázaro. O número 16 da revista brasileira *Sul*, publicada em Florianópolis, continha o poema “Crepuscular”, uma carta de Sebastião sobre um livro de Salim Miguel (1924-2016), datada de 30 de Novembro anterior, e a notícia da morte do poeta.

O ano seguinte, 1953, teve, em 8 de Fevereiro, o descerramento da primeira lápide em homenagem ao autor de *Serra-Mãe*: foi em Azeitão, na Rua José Augusto Coelho, na casa onde viveu até aos 14 anos, uma cerimónia a que acorreram muitos amigos, tendo depois havido uma conferência evocativa pelo testemunho de David Mourão-Ferreira. Em pedra, ali ficaram gravados versos: “Faltava-lhe a morte para ser completo. / A taça estava cheia / Faltava-lhe a pétala da rosa / Para transbordar”. Em 15 de Junho, em Estremoz, foi o descerramento da segunda lápide evocativa, na casa onde viveu, no Largo do Espírito Santo, cerimónia com larga participação, em que interveio um dos seus professores e amigo, Hernâni Cidade. A memória de Sebastião da Gama dava-lhe assim a possibilidade que a vida lhe não dera: a da sua presença pela palavra e pelo testemunho, que tem vivido ao longo destes 70 anos.

João Reis Ribeiro

A fechar...



“Elegia para uma gaivota”, que, como dizemos na pg. 17, abre o livro recentemente publicado *Voz Própria*, foi escrito por Sebastião da Gama em 10 de Novembro de 1948. Teve primeira publicação na revista *Távola Redonda* (nº 6, 1/6/1950, pg. 3) e foi incluído na terceira obra que o poeta publicou, *Campo Aberto* (1951). Foi também escolhido por Joana Luísa da Gama para a antologia *A Minha Arca de Noé* (2006).

É um dos poemas de Sebastião da Gama que tem tido muita divulgação. A título de exemplo, mencione-se a sua inclusão em diversas antologias - *Líricas Portuguesas* (3ª série), organizada por Jorge de Sena (Portugália Editora, 1958, p. 385); *Antologia de la Nueva Poesía Portuguesa*, organizada por Angel Crespo (Ediciones Rialp, 1961, p. 117); *Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa*, organizada por Maria Alberta Menéres e E. M. de Melo e Castro (3ª ed., Livraria Moraes Editora, 1971, p. 7); *O Tejo e a Margem Sul na Poesia Portuguesa*, devida a João Carlos L. Pereira (Câmara Municipal do Seixal, 1993, p. 199); *Os Poemas da Minha Vida*, coligidos por Maria Alzira Seixo (Público, 2005, p. 85). António Manuel Couto Viana incluiu o poema no seu livro memorialístico *Ler, Escrever e Contar* (Universitária Editora, 1999, p. 31). Além de ter constado em manuais escolares, como *Aula Viva - 10º ano* (Porto Editora, 1993), também surgiu na imprensa, em títulos como *Jornal de Almada* (5/2/1961) ou *Ar Livre* (nº 16, 2005).

Quanto a gravações, além de o podermos ouvir dito pela voz de Mário Viegas no cd que acompanha a obra *Voz Própria*, temos também Maria Barroso a dizê-lo no cd “Meu caminho é por mim fora”, editado pela ACSG em 2010. # J.R.R.

Boletim Informativo
nº 13, Fevereiro.2022

Associação Cultural Sebastião da Gama

Dir.: Lourenço de Moraes
Coord.: João Reis Ribeiro

Casa-Memória
Joana Luísa e Sebastião da Gama
R. José Augusto Coelho
AZEITÃO